

CONFERENCIA 17 DE JULHO DE 2024

"OUVINDO A PALAVRA PARA ILUMINAR O CAMINHO"

Maria Clara Lucchetti Bingemer

É muito sugestiva para iniciar essa reflexão a comparação feita pelo célebre filósofo lituano-francês Emmanuel Levinas entre Ulisses e Abraão como figuras paradigmáticas da relação com o outro. Mais do que personagens bíblicos, são protótipos antropológicos, figuras paradigmáticas da identidade humana.

Ulisses, depois da Guerra de Troia, volta à casa. Viveu a aventura de encontros múltiplos com outros, experiências variadas. Travou combates, enfrentou obstáculos sem fim, conheceu o diferente. Coberto de vitórias e glória, regressou. Ao chegar, mesmo disfarçado, "diferente" do Ulisses que partira, é ainda o "mesmo"; seu cachorro, pelo faro, e Penélope, pelo amor, o reconhecem. Ulisses representa o herói do regresso, que tomou contato com o diferente apenas para, num mundo domesticado e assimilado, reduzi-lo ao mesmo.

Abraão ouviu uma voz que o chamava, e partiu de sua terra para nunca mais voltar. Sua viagem foi na direção do novo, do não familiar, do diferente, do Outro. Ninguém o espera em um regresso ao ponto de partida. Há apenas uma palavra de promessa que o chama na direção de um futuro sempre mais adiante. Abraão ouve, caminha, transcende. Sua identidade transfigura-se a cada passo, é processual, histórica. Rompe com o passado, e o seu êxodo vai no sentido de um futuro imprevisível e novo.

Qual a força que impele Abraão pelo caminho, na direção daquilo que não sabe e não conhece? É a Palavra, a Palavra de Deus que o transcende, mas que também ressoa aos seus ouvidos e em seu interior. Abraão não conhece o caminho, mas essa Palavra que começa a conhecer, a qual ouve e à qual obedece, ilumina esse caminho e o faz nada temer. A Palavra vai lhe abrindo o conhecimento sobre quem é Aquele que o envia para longe de suas seguranças e lhe promete companhia.

O povo de Deus viu na figura de Abraão seu protótipo e seu representante. Compreendeu-se como ouvinte de uma Palavra eficaz e atraente, que seduz e convoca, mas igualmente faz o que diz e faz fazer, enviando e acompanhando. Ouvindo essa Palavra e praticando o que ela diz e ensina, tornou-se povo a caminho em busca da realização da promessa d'Aquele que não prometeu a Abraão seguranças ou facilidades. Mas lhe disse o que toda a humanidade deseja, no fundo, ouvir: Eu estarei contigo.

Deus como Palavra encontrado na Escritura

A poeta brasileira Adelia Prado expressa de forma bela e original seu desejo pela linguagem misteriosa e surpreendente que faz sua aparição nas entranhas da humanidade e des-vela o mistério de Deus como Palavra.

ANTES DO NOME

Não me importa a palavra, esta corriqueira.

Quero é o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe,

os sítios escuros onde nasce o «de», o «aliás», o

«o», o «porém» e o «que», esta incompreensível



TORINO 2024
13° raduno
internazionale

muleta que me apoia.

*Quem entender a linguagem entende Deus
cujo Filho é Verbo. Morre quem entender.*

*A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surdamuda,
foi inventada para ser calada.*

*Em momentos de graça, infrequentíssimos,
se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão.*

Puro susto e terror

Nos primórdios da Revelação ao povo de Israel, os homens e mulheres que captaram essa Palavra e falaram sobre o que ouviram identificaram Deus como Palavra. Palavra que rompe o silêncio e fala. Porém a condição para saber e se afirmar que fala é porque existe um ouvinte: homem ou mulher. Alguém que ouviu, escutou. E a partir daí obedece e pratica. Ser humano é ser aberto. Aberto para a escuta e a resposta a esta escuta, na confiança de não ser seu próprio Princípio e Fundamento, mas encontrar em Outro esse Princípio que reconhece, esse Fundamento que o sustenta, essa Palavra na qual pode confiar inteiramente e fazer a experiência desafiante da fé.

A revelação do Deus judaico e cristão é inseparável da experiência e da prática do ser humano. O Deus dos teísmos, o Deus nomeado genericamente como Ser Supremo, Substância Suprema ou outros nomes abstratos que designam uma divindade distante, abstrata e inalcançável não é o Deus dos pais, o Deus de Abraão, Isaac e Jacó. Muito menos o Abba, Pai de Jesus de Nazaré. Tampouco é o Deus Trindade a quem nomeamos como Pai, Filho e Espírito Santo.

Nas tramas da história de um povo, esse Deus levanta a ponta do véu de seu mistério, des-velando-se nunca como o mesmo, mas sempre outro, encontrado na necessidade que clama a partir do pobre, do órfão, da viúva, do estrangeiro; do carente, do diferente; do migrante que vem de outra cultura e fala outra língua; do ferido caído à beira do caminho. E ainda do que pratica outra religião e louva a Deus com outro culto; do que nomeia o mistério com diferentes nomes. Em suma, na história de um povo, Deus abre caminhos ignorados, que só serão descobertos no ato de caminhar à escuta de Sua Palavra que aponta os rumos, mas não entrega o final da narrativa.

E o ser humano, diante desse Deus, encontra-se permanentemente sob interpelação, sob julgamento, sob exigência. Exigência trazida pelo rosto do outro, sobretudo do pobre, aparecido como epifania (manifestação) da transcendência. Essa epifania traz com ela a responsabilidade, a necessidade de responder quando a Palavra interroga: "Onde está o teu irmão?". Trata-se da história de um amor que põe a caminho e torna responsável. O irmão é o companheiro de destino e de caminho e por ele é necessário responder. Sua alteridade, sua diferença são permanente convocatória a seguir adiante, caminhando e encontrando o caminho ao andar.

Toda a história desse encontro entre Deus e o ser humano está registrada e pode ser conhecida na Bíblia, na Sagrada Escritura, no texto em que o povo de Deus registrou seu processo de encontro e conhecimento amoroso com seu Deus. Trata-se da história de uma escuta que impulsiona em direção a um caminho experimentando um amor que se revela no movimento do próprio caminho.

Já Agostinho de Hipona, um dos maiores teólogos e santos da história do Cristianismo, nos lembra da importância central da Escritura Sagrada para o conhecimento do Deus da revelação: "Lembraí-vos que é uma mesma a palavra de Deus que está presente em todas as Escrituras, que é

um mesmo Verbo que ressoa na boca de todos os escritores sagrados; ele que, sendo no início Deus junto de Deus, não tem necessidade de sílabas, por não estar submetido ao tempo.”

O texto bíblico é a mediação primeira onde podemos encontrar Deus, pois o Deus Cristão é o Deus da Bíblia. A Bíblia é a terra natal do Deus da fé cristã. Ali Deus pode ser encontrado e sua Palavra ouvida. As duas condições prévias para que isso aconteça são:

Primeiramente, não partir da razão, mas da fé. A Bíblia mesma nos adverte continuamente para essa condição indispensável pela qual podemos aproximar-nos do Deus que ela revela. E assim o diz de muitas maneiras: “Destruirei a inteligência dos inteligentes” (1Cor 1, 19 ss; Is 29, 14). “Escondestes estas coisas aos sábios e doutos e as revelastes aos pequeninos” (Mt 11, 25-26). Para saber de Deus, portanto, é preciso estar disposto a não saber (a ser pequenino e inculto), ainda que se saiba que não se sabe e porque não se sabe.

É isso que os Evangelhos nos ensinam que acontecia com Jesus de Nazaré. Sobre ele, seus contemporâneos perguntaram: “De onde lhe vem esse saber? Não é ele o filho do carpinteiro?” (Mt 13, 54-56). Aquele homem sem nenhuma importância social, ou intelectual na sociedade e nos círculos da religião oficial os desconcertava com sua maneira de ser, de agir e de falar. Não se parecia com os sábios e doutos da época. Porém, ao mesmo tempo afirmavam: “Ninguém jamais falou como este homem” (Jo 7, 46). Sentiam que suas palavras e sua prática tinham autoridade. Uma autoridade, porém, que não vinha dele, mas de outro.

A segunda condição é a resistência decidida a qualquer fundamentalismo e a qualquer fideísmo. Deus ultrapassa todo o entendimento, mas não o apaga. O Deus da Bíblia deve ser conhecido também com a razão.

Por ser um texto plural e multiforme, a Bíblia carrega em sua definição várias dimensões e aspectos que são de extrema importância quando tratamos de descobrir, no intrincado das palavras, a luminosidade da revelação de Deus e a direção que essa luz nos aponta ao longo do caminho que somos chamados a seguir.

A Bíblia é palavra. É comunicação de Deus sobre si próprio, que tem para nós seu ponto culminante em Jesus Cristo, o qual, ele mesmo, é ao mesmo tempo a palavra e o perfeito ouvinte, reconhecido por aqueles que o escutam e com ele convivem como um acontecimento salvador. A Bíblia é um todo, um conjunto, um processo integral. Nos textos bíblicos, o Deus que é nomeado é o referencial último destes textos. Ele está implicado pela coisa do texto, pelo mundo (bíblico) que esses textos desdobram.

O grande filósofo e exegeta francês Paul Ricoeur identifica no texto bíblico vários gêneros literários que o fazem multiforme e plural:

- primeiro está o discurso profético, onde um ser humano aparece como o canal, o transmissor, a boca de Deus mesmo. Como em Jeremias 2, 1: “Vá gritar isto aos ouvidos de Jerusalém.” O profeta se anuncia falando não em seu nome, mas no nome de outro. Outro o convoca, o possui, lhe fala ao ouvido e o envia a falar do que ouviu a outros. Para não haver dúvida de que é Deus que fala e não ele mesmo, os profetas pontuam seu discurso com afirmações que revelam a alteridade que fala através de seu corpo e sua língua: “Assim diz o Senhor”. “Palavra de Javé”. O discurso profético, porém, não pode estar separado do discurso narrativo, da história de seu povo. O profeta não é um adivinho e sim um membro do povo, que sente com esse povo e o adverte, a fim de que a fidelidade volte a acontecer e a justiça e o direito fluam como um rio.



- o discurso narrativo. Nele o autor desaparece e os próprios fatos se narram a si mesmo. O narrador está ao fundo explicitando o que sucede e revelando como Deus é quem faz a verdadeira narrativa. Assim o ouvinte da Palavra é convidado a voltar seu olhar para as coisas contadas, ou seja, é instado a não ceder à tentação do ver - sempre suspeito de idolatria na Bíblia Hebraica - para ouvir a narrativa que lhe é contada da parte de Deus como último agente daqueles fatos e Senhor daquela história de salvação. A Palavra Revelada qualifica esses acontecimentos em sua transcendência em relação ao curso normal da história. O caminho a fazer aqui é voltar o olhar para a narrativa histórica em que os fatos qualificados pela Revelação precedem a palavra oral ou escrita. Na história Deus deixa sua marca e o que aconteceu nessa história e levou essa marca será incessantemente narrado e re-contado pelo povo que experimenta essa história como história de salvação. Assim a inteligência da história é inteligência também da fé, que qualifica os acontecimentos.

- Há ainda o terceiro discurso que é prescritivo. É a Lei, a Torah, o código da Aliança entre Deus e o povo. É o aspecto prático da Palavra de Deus. Mas não é uma lei extrínseca, mera letra que subjuga e obriga autoritariamente. Os textos legislativos estão intrinsecamente ligados aos acontecimentos fundadores e não são apenas formulações jurídicas, mas trazem em si mesmos uma relação intrínseca entre mandar e obedecer. O amor do fiel pela Torah, pela lei, revela a amplidão de possibilidades éticas que essa mesma Lei abre, uma vez que é Lei de um povo livre. Não é uma lei simplesmente heterônoma, mas deve estar inscrita no coração. Sendo lei de um povo livre pode abrir o futuro da prática e das instituições e pode, no Cristianismo, encontrar seu ápice em Rom 13, 8: "...quem ama cumpriu toda a lei." É como um coração que em sucessivos movimentos de sístole e diástole recolhe e recorda ao povo o coração da Lei: "Amar a Deus e amar ao próximo" e depois o dispersa e espalha por várias prescrições que regulam a vida do fiel desde que acorda até que dorme, desde que nasce até que morre para que possa viver plenamente a Aliança.

- o discurso sapiencial religa ethos e cosmos. Não trata mais do que já foi experimentado, da memória, da narração, da história, da lei. Trata sim das situações irreversíveis da vida, onde cada um e cada uma experimenta seus limites e sua caducidade. A religação do ethos com o cosmos produz o pathos, a paixão, o padecer livremente assumido. A sabedoria é dom de Deus que produz a esperança, ao contrário do "conhecimento do bem e do mal" prometido pelo demônio na narrativa genesíaca.

- o discurso do hino traz súplica, celebração e ação de graças, onde a gratuidade da relação com Deus aparece mais nitidamente. Quando não há mais nenhuma instancia humana a recorrer, pode-se suplicar, gritar a Deus, clamar por misericórdia, declinar seu nome e perguntar se ele dorme ou se esqueceu do seu povo. O fiel dirige-se a Deus na segunda pessoa - Tu e o hino faz-se diálogo permanente.

A palavra revelada é assim a própria formação do sentimento que transcende as modalidades do sentir humano.

○ ser humano: ouvinte da Palavra

Ouve, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. Os mandamentos que hoje te dou serão gravados no teu coração. Tu os inculcarás a teus filhos e deles falarás, seja sentado em tua casa, seja andando pelo caminho, ao te deitares e ao te levantares. Hás de prendê-los à tua mão como sinal, e os levarás como uma faixa frontal diante dos teus olhos. Tu os escreverás nos umbrais e nas portas de tua casa. (Dt 6, 4-8)

Essa Palavra que vem pronunciada por Deus, essa Palavra que é Deus mesmo, no entanto encontra sua possibilidade de ressoar e fazer-se ouvir no ser humano. Não saberíamos que Deus rompeu o silêncio e pronunciou Sua Palavra que engendra mundos, que engravida virgens e estéreis, que transforma o deserto em jardim se o ser humano não houvesse escutado.

Nessa Palavra o ser humano encontra então não apenas a identidade de Deus, mas a sua própria identidade: ser um ouvinte da Palavra. Existe, portanto, uma inseparabilidade entre Teologia e da Antropologia. Falar de Deus implica necessariamente falar do ser humano e vice-versa. Na Revelação, o "adam" feito do barro e animado pelo espírito/nefesh divino, isch, ischá - é pessoa e sujeito. Ser relacional, nascido da relação e por ela engendrado. E, no entanto, em boa parte descobre-se igualmente como produto daquilo que ele próprio não é, pois não pode dar-se o ser a si mesmo. Não pode se fazer existir. Não pediu para nascer e não quer morrer. E, no entanto, a única certeza que tem é que é finito e mortal. E dependente de outro. Um outro tem que dar-lhe a vida e ele deve recebê-la deste outro. A alteridade - o outro - é, portanto, o dado fundamental da experiência humana. O ser humano só se autocompreende a partir do outro.

Em sua trajetória, em seu caminho em busca de autocompreensão e auto-realização, em busca do sentido que pode ter uma vida situada entre um nascimento ignorado e uma morte certa, mas não querida, o ser humano vai percebendo seus limites, mas também sua grandeza. Descobre que é, ao mesmo tempo, consciência de si (ou seja, de seus próprios limites, de sua humanidade, portanto) e capacidade de ultrapassar-se e auto transcender-se. Ou seja, é ao mesmo tempo ser biológico, mortal, vulnerável como todos os outros seres, regido pelas mesmas leis de toda a natureza. Mas também e não menos irreduzível a qualquer outra coisa ou ser existente no universo. Trata-se de um ser finito que inseparavelmente move-se em horizonte infinito. Singularidade única e aberta.

Toda esta finitude que convive ao mesmo tempo com a infinitude e a eternidade, o ser humano a recebe de outro, gratuitamente, sem nada ter feito para isto. Trata-se da graça. O ser humano é, então, um ser "posterior" que vem depois. Depois do Outro que o criou, depois das outras coisas e seres criados que ele, ao nascer, já encontra sobre a face da terra. No entanto, a experiência transcendental pela qual está constituído - experiência essa que releva da ordem do "não dizível" - vem de uma disposição fundamental a tudo "anterior". Ao longo do percurso da história do povo de Israel e da Primeira Igreja, a esse Mistério Santo nós o chamamos Deus.

Apesar de sua posterioridade, no entanto, o ser humano é criado livre. Ou seja, ao mesmo tempo que é livre para dizer SIM, é livre para fugir, voltar as costas ao ser e dizer NÃO. A liberdade transcendental ou liberdade última que é a sua, é mediada pela realidade. Ou seja, pela corporeidade, pela história, pelo tempo e pelo espaço. E pelo outro, o semelhante por quem é responsável em uma irmandade original. Trata-se de uma dimensão totalizante mediada por aquilo que é contingente e provisório. A dimensão de totalidade é dada pelo Deus Criador, que, no entanto, só se revela naquilo ou por meio daquilo que não é Ele mesmo, mas sim Sua criação.

A Palavra se dá e faz ouvir em meio a todo este dinamismo misterioso. E abre o caminho da vida na medida em que é escutada e recebida. Ela é, então, mistério de salvação, salvação essa que é a referência de originalidade primeira do ser humano. Salvação, porém, que só se dá inserida na história, que é a inserção necessária e não optativa do ser humano. Neste sentido, não há duas histórias, mas uma só história: a história da salvação que pode, no entanto, ser também de perdição, segundo o desejo e o exercício da liberdade do ser humano. O homem e a mulher são referidos ao ser como mistério, ou seja, são seres sob misteriosa disposição alheia. Por isso, são pacientes mesmo quando agentes; desconhecidos mesmo para si próprios. A salvação é, portanto, algo que vem de Deus, do Transcendente, mas que pode ser experimentada pelo ser humano, dentro dos seus limites

finitos. E esta experiência se dá sobretudo na escuta de uma Palavra que vem de outro e que o define como ouvinte da Palavra.

Essa escuta da Palavra que o transcende faz do ser humano, além de um ouvinte da Palavra, um criador e emissor de palavra, um ser de linguagem. A linguagem descobre a realidade à razão e ao coração humanos, enquanto é sinal e expressão, meio de sua condição de criatura. Faz vir à tona sua capacidade criativa. Faz com que este mesmo ser humano se descubra não apenas como ouvinte da linguagem elaborada e proferida por outro, mas também como criador de linguagem. Discípulo fiel que escuta a Palavra e a põe em prática, será um servidor dessa mesma palavra, abrindo caminho para que outros a escutem e a ela obedeçam.

Discípulos e peregrinos: criadores de linguagem

O Senhor Deus deu-me a língua de um discípulo para que eu saiba reconfortar pela palavra o que está abatido. Cada manhã ele desperta meus ouvidos para que escute como discípulo; . (o Senhor Deus abriu-me o ouvido) e eu não relutei, não me esquivei. (Is 50, 4-5)

O profeta Isaías diz qual a vocação profética, que é - em sua dimensão mais profunda, - a vocação de todo o povo de Deus.

O povo de Deus sabe que só poderá ser povo, viver e sobreviver como povo se escutar e obedecer ao que escuta. Por isso o judeu desde que nasce e ao longo de toda a sua vida se autocompreenderá como um ouvinte. E ouvindo essa Palavra se sentirá pertencente a seu povo, o povo de Deus que recita continuamente o "Shema" : Ouve Israel.

A escuta da Lei do Senhor, de sua Palavra é algo que deve permear a vida de todo crente, de todo fiel, de todo aquele que deseja viver com o Senhor, obedecendo ao seu desejo. Todo o povo é ouvinte da Palavra. Todo ser humano que encontra sua referência na Bíblia judaica e cristã igualmente se autocompreende como tal.

Sendo um ouvinte da Palavra, o humano é todo ele configurado pela linguagem, e chamado a pôr em prática aquilo que ouve. Porém sua prática de obedecer e falar daquilo que ouviu não pode ser um falar informativo, que descreve, consigna e comprova: fatos, dados, eventos, notícias. Esse falar informativo seria mais compatível com a ideia de Logos, que aponta para a razão e a priviligia, pretendendo alcançar um nível de objetividade. No entanto, a palavra humana não é nem pode ser puramente objetiva, tomando distância daquilo que fala e comunica. É também subjetiva, assim como o ato de falar. Cada palavra proferida que pretende apenas informar supõe a seleção dos dados e a eleição da maneira de elaborá-los e emití-los, - que sempre estão afetadas por motivos subjetivos. É, portanto, manipulável. E o falar puramente informativo, na verdade, não existe. Não se escapa da interpretação e toda pretensão de ater-se somente aos fatos objetivos cai em uma falácia enganadora.

O falar que é fruto da escuta da Palavra de Deus só pode ser performativo: não consiste simplesmente em referir a realidade, mas em criar e estabelecer a realidade. E é igualmente auto implicativo. O sujeito que fala está comprometido com a emissão da mensagem. A linguagem é o agir criativo e transformador da realidade. Assim temos a belíssima passagem do profeta Ezequiel, no capítulo 37, quem instado pelo Senhor a profetizar recebe o sopro da Ruah divina que se alia à palavra que profere e vê aquilo que eram ossos secos - a casa de Israel derrotada e destruída - transformar-se em militante exército.

Então me disse: Filho do homem, estes ossos são toda a casa de Israel. Eis que dizem: Os nossos ossos se secaram, e pereceu a nossa esperança; nós mesmos estamos cortados. Portanto profetiza, e dize-



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



lhes: Assim diz o Senhor DEUS: Eis que eu abrirei os vossos sepulcros, e vos farei subir das vossas sepulturas, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel. E sabereis que eu sou o Senhor, quando eu abrir os vossos sepulcros, e vos fizer subir das vossas sepulturas, ó povo meu. E porei em vós o meu Espírito, e vivereis, e vos porei na vossa terra; e sabereis que eu, o SENHOR, disse isto, e o fiz, diz o SENHOR. (Ez 37, 11-14)

Por essa aliança inquebrantável entre palavra e espírito, entre divindade e humanidade, a vida vence a morte.

No Cristianismo igualmente existem aquelas que são as proto palavras, as que realizam aos olhos da fé aquilo que ressoou dos lábios humanos, tendo passado antes pelo ouvido onde a Palavra penetrou. São sacramentos que recebem sua forma por parte da palavra proferida: “Eu te batizo”, “Eu te absolvo”, “Isto é o meu corpo”, são o caso supremo da palavra acontecida na chave do falar performativo.

A Palavra de Deus é sempre performativa. Descobre e manifesta a realidade do criado na medida em que a liberta. Liberta o ser humano da violência muda dos instintos, da rotina, do imediato; provoca a liberdade abrindo-lhe espaço para transformar o mundo. E conduz aquele e aquela que a ouve por um caminho transformador que vai desembocar em vida sempre mais potente e plena.

O ser humano, portanto, sendo um ouvinte, aprende e recebe esta palavra que lhe é dada ao mesmo tempo que, enquanto ser de linguagem, a constrói e a profere. A linguagem, então descobre e revela-o como ser que se deve a si mesmo sendo incapaz de dar-se o ser e devendo recebê-lo de outro; descobre e revela as suas múltiplas conexões: origem, tradição, pertença, sociedade; descobre e revela sua realidade na medida em que lhe possibilita fazer presentes o invisível, o ausente, o passado e o futuro, a história e a transcendência; permite-lhe escapar do presente redutor e coercitivo; descobre-lhe a realidade como ser dialógico e para os outros.

A linguagem implica liberdade. Implica que o ser humano é um ser feito para a comunicação, criado enquanto livre interlocutor de um TU que o interpela e a quem ele é chamado a responder, estando situado em meio a tantos outros “tus” que o desafiam e interpelam com sua diferença e alteridade. A comunicação é intersubjetividade, relacionalidade, componente essencial da vida humana. Onde não há comunicação, não há entendimento ou comunhão. A palavra tem, portanto, função curativa, terapêutica, redentora, uma vez que devolve o ser humano a si mesmo na sua condição fundamental de ser feito para a relação com o outro.

Se o ser humano é isto, a humanidade é, portanto, uma comunidade ilimitada de comunicação como diz o filósofo Habermas; comunidade esta que se subdividiu em muitas linguagens específicas que já não se entendem, como uma Babel reeditada. Desde a primeira e fundamental célula da comunidade humana, que é a família, até as grandes organizações nacionais e internacionais esse fenômeno da não comunicação humana aparece como um dos mais graves da nossa época. Nunca houve tantos meios e tão escassos fins. Nunca dispusemos de tantas possibilidades de comunicação e nunca ao mesmo tempo a comunicação humana se viu tão ameaçada.

Isto se dá, no entanto, porque a linguagem não deixa de ser expressão mesma da humanidade, com suas grandezas e limitações. Cada ser humano é e existe graças à linguagem. Na medida em que somos seres relacionais, existimos em nosso falar recíproco. Mas ao mesmo tempo a linguagem participa da criaturidade, finitude e limitação do ser humano. De sua ambiguidade, velamento, mutismo. Não escapa do pecado.



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



Quanto mais humano vai se tornando, o ser humano vai se tornando, no entanto, consciente de que não é sua a primeira nem a última palavra. Percebe-se referido a uma palavra que não é sua nem de outros semelhantes a si mesmo: palavra que é verdade, poder, amor e liberdade. A fé nomeia essa Palavra fundamental que constitui a vida humana como Palavra de Deus.

Palavra e linguagem são ao mesmo tempo, então, poder e impotência, reveladoras da realidade do humano como criatura que se pergunta ao mesmo tempo sobre o seu fundamento enquanto criatura finita, da relação entre criatura e transcendência e apalpa os limites de sua finitude mortal e perecível que é capaz do máximo e se vê presa no mínimo; que deseja o infinito, mas não consegue libertar-se das garras do finito e das tiranias de cada dia que teimam em reduzir-lhe as possibilidades. Sendo assim ambígua, mas ao mesmo tempo participando do poder dizer aquilo que é maior do que ela, a palavra humana - que pode expressar tudo -, pode expressar Deus. Deus é palavra da nossa linguagem, em sua grandeza e limitação. Podemos falar de Deus, embora nunca perfeitamente.

A linguagem humana é também e não menos referida ao mundo. Deus é diferente do mundo, é o fundamento não objetivo do mundo. Só pode ser "falado" indiretamente através das realidades finitas. Toda a realidade, portanto, tem caráter revelador. Mas só pode ser falada analogicamente. Por exemplo, quando proclamamos "Deus é Pai", tomamos por princípio analógico o pai humano, mas estamos falando de uma paternidade que é incomparavelmente diferente daquela do pai humano.

De Deus se pode e se deve falar também e sobretudo performativamente. A palavra de Deus abre e cria a realidade ao falar, introduz mudanças, realiza, envia. faz o que diz, e faz fazer. Essa realidade produzida pela palavra Deus e pela palavra de Deus não só pode ser conhecida, mas também reconhecida e não pode ficar cativa da injustiça. Porque senão se fala de Deus, mas Deus mesmo não fala e Sua Palavra não se faz ouvir. Só se pode falar de Deus porque Ele falou primeiro de Si próprio na história de um povo. E sua palavra continua ressoando, atravessando todos os silêncios e iluminando o caminho do povo de Deus.

A metáfora do caminho

Caminante no hay camino / Se hace camino al andar Al andar se hace el camino/ Y al volver la vista atrás/ Se ve las sendas que nunca se ha de volver a pisar. Caminante, no hay camino/ Sino estelas en la mar. (Cantares)

Quando se fala em caminho, é inevitável recordar os versos do grande poeta espanhol Antonio Machado:

Essa palavra - caminho - e a metáfora que ela encerra, desejando significar toda a vida humana, vai configurar o Cristianismo desde muito cedo. Nos primeiros tempos de sua existência a comunidade de discípulos de Jesus era conhecida como "discípulos do caminho". Pois Jesus não ensina uma filosofia, uma ideologia, mas um caminho, ou seja, uma estrada que se deve percorrer com Ele, na qual aprende-se apenas percorrendo-a, caminhando.

E ao ser perguntado sobre qual o caminho a ser usado para chegar a seu Deus e Pai, o próprio Jesus responde: "Eu sou o Caminho". O caminho, portanto, é sua pessoa, seu modo de agir, de pensar, de sentir, de escutar. Em Jesus se encontram e se implicam mutuamente as duas forças motrizes da experiência de Deus: a Palavra e o Caminho/ a Palavra que ilumina o caminho que deve seguir aquele que deseja experimentar a presença de Deus e a comunhão com Ele. E este mesmo caminho, ao ser seguido, vai descortinando os mistérios da Palavra.



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



1 Jo 1,1-4? *"O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam - isto proclamamos a respeito da Palavra da vida. 2A vida se manifestou; nós a vimos e dela testemunhamos, e proclamamos a vocês a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi manifestada. 3Proclamamos o que vimos e ouvimos para que vocês também tenham comunhão conosco. Nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo. 4Escrevemos estas coisas para que a nossa alegria seja completa."*

A Palavra pôde ser ouvida, mas também vista, tocada, apalpada. A Palavra se fez carne, se fez pessoa no carpinteiro de Nazaré, nascido de Maria, nascido de mulher. À diferença dos profetas que pontuam seu discurso afirmando que é Deus quem fala por sua boca e não eles, Jesus não faz essa distinção entre a Palavra de Deus e a sua. Ele é a Palavra, ao mesmo tempo em que é o perfeito ouvinte. Ele é a Palavra encarnada e ao dizer aos seus ouvintes que o que lhes havia sido dito pelos antigos agora era dito por Ele mesmo com diversa e maior radicalidade, não invoca outra autoridade senão a si próprio. Assim em Mt 5, *"Ouvistes o que foi dito aos antigos...Eu, porém vos digo..."*

Essa Palavra que já vinha desde sempre iluminando o caminho do povo de Israel que a louvava como "luz para os seus passos", como no Salmo 118: *"Vossa palavra é um facho que ilumina meus passos, uma luz em meu caminho."* continuará a iluminar e conduzir o caminho da primeira comunidade que depois anunciaria a boa notícia pelo mundo conhecido de então.

Somos peregrinos deste caminho. Como os de Emaús, sentimos o coração arder ao longo do caminho quando o Mestre nos abre o livro das Escrituras e nos explica a dinâmica da salvação e qual devia ser o destino do Messias: *"Não era necessário que o Messias sofresse todas essas coisas antes de entrar em sua glória?"* (Lc 24, 26) Temos medo ao ver que ele se afasta e o dia declina e o escuro avança. Mas tudo se ilumina novamente quando o pão é partido e o Senhor é reconhecido e sua vida proclamada junto aos companheiros e a toda criatura.

No mundo de hoje, o caminho do seguimento de Jesus apresenta muitos desafios. Já não vivemos em uma sociedade onde a fé é a perspectiva principal para a vida humana e a religião organiza a sociedade. Vivemos em um mundo secularizado e plural, onde a fé que nos alimenta é interpelada e questionada a cada passo. Vários caminhos se apresentam diante de nós, ouvintes da Palavra de Deus e seguidores do caminho de Seu Filho Jesus:

- o caminho da experiência do outro: No centro da experiência humana de fé, está não apenas o sujeito que conhece, ou seja, o eu, mas o outro, ou seja, o tu ou ainda o ele ou ela. Aquele ou aquela que por sua alteridade e diferença movem o eu em direção a uma jornada de conhecimento sem caminhos previamente traçados e sem seguranças outras do que a aventura da descoberta progressiva daquilo que algo ou alguém que não sou eu pode trazer. Esse ou essa que não é eu, também não é isso (algo coisificado ou reificado) e sim, alguém que a mim se dirige, que me fala e a quem respondo, um "outro" sujeito, cuja diferença a mim se impõe como uma epifania, uma revelação. A fé cristã nos tempos atuais, tal como em outros tempos, porém diria que mais que nunca, está hoje desafiada, para redescobrir seu lugar e seus caminhos, a olhar para o humano como via necessária para o divino. Escutar a palavra de Deus implica, portanto, inevitavelmente, escutar a palavra do outro, da outra e da diferença que me interpelará a partir de sua diferença.

- o caminho da pobreza do outro e da compaixão: o rosto do pobre evoca um caminho que é ineludível para todo aquele que escuta a Palavra de Deus e a põe em prática. Traz consigo o entrelaçamento entre fé e política, entre vida no espírito e ação transformadora. Ambas podem ter lugar simultaneamente, desde que encontrem seu correto ponto de intersecção. A práxis social e política, tal como a entendeu a teologia recentemente pode inclusive ser espaço e alimento para uma autêntica



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



experiência de fé. Existe um caminho presente já desde os tempos do antigo Israel para viver uma experiência espiritual verdadeira: o encontro com o Senhor no rosto do pobre. A prática que daí resulta é uma prática que passa a ter como único objetivo a construção do Reino de Deus. É uma prática, porém, que além de se originar da mais autêntica experiência de Deus, desenvolve, alimenta e faz crescer esta mesma experiência na medida em que se faz presente no mundo. É uma maneira precisa de viver “diante do Senhor” em solidariedade com todos os outros. É possível, portanto, afirmar que o caminho da vida de fé pode encontrar sua origem e seu ambiente na interpelação feita pela pobreza do outro e pela com-paixão que ela origina. Todo este movimento não é apenas ético, mas também místico, uma vez que na Revelação bíblica e no Cristianismo, ambas as coisas não se dissociam. Crer é inseparável de praticar a justiça e o direito. Oprimir o pobre e negar o pão ao faminto é o caminho mais direto e rápido para a idolatria.

- o caminho da corporeidade do outro: Entre os “novos sujeitos” que emergem com força interpelante quando se fala de Deus e da experiência de Seu mistério, está sem dúvida a mulher. Sua diferença, sua alteridade, num universo onde o falar sobre Deus e a tematização da experiência desse Deus é feita quase que exclusivamente por sujeitos masculinos, a mulher entra como elemento perturbador nesse falar e nesse universo. É essa “perturbação” se dá, mais que nada, através de sua corporeidade que, sendo “outra” que a do homem, exprime e sinaliza a experiência de Deus de maneira outra e própria. O corpo feminino é a condição de possibilidade do caminho pelo qual a mulher vem a ser uma interpelação importante quando se fala de experiência mística. Este corpo que, no entanto, tem sido muitas vezes a fonte da discriminação que a própria mulher sofreu e sofre na Igreja. Dentro do marco desta discriminação corporal, há uma associação muito forte com a mulher sendo responsável pela entrada do pecado no mundo, e pela morte como consequência do pecado. Por sua corporeidade aberta, a mulher pode evocar e transmitir experiências espirituais com as quais muitas vezes o homem tem mais dificuldade. Referimo-nos, por exemplo, à experiência de sentir-se esposa de Cristo, de viver o matrimônio espiritual, ou à experiência tão central de ser fecundada pelo Espírito de Deus, dando corpo novo ao seu Verbo e mediando novamente a Encarnação para dentro do mundo. A violência contra a mulher ainda é um fato hoje, na sociedade e também na Igreja. A escuta da Palavra de Deus certamente ajuda a abrir um caminho de amor e reciprocidade entre homens e mulheres, companheiros na estrada para construir o Reino de Deus. A corporeidade do outro - ou melhor, da outra - fonte de tantas suspeitas e preconceitos ao longo da história, é caminho tão antigo, mas tão novo, poderosamente iluminador e inspirador para a fé cristã em tempos de novos paradigmas onde a questão do gênero se apresenta como uma das questões mais centrais.

- o caminho da religião do outro: Assim como há algo que só o outro gênero, o outro sexo, pode ensinar em termos de mística, há também, sem dúvida, algo que apenas a religião do outro, na sua diferença pode ensinar, ou chamar atenção: às vezes um ponto ou uma dimensão que vamos descobrir na nossa experiência religiosa e do qual não nos havíamos dado conta. Com relação aos judeus, no dizer do grande filósofo judeu Levinas, “importa construir uma comunidade que ultrapasse o limite da confissão e possibilite uma civilização construída sobre uma interlocução que deveria ser buscada em Deus mesmo.”. esse Deus no qual judeus e cristãos acreditamos, é o Único capaz de ser portador de esperança em meio ao desespero prometeico atual. Enquanto a esperança judaica parte do não cumprido ainda e impulsiona em direção ao seu incipiente cumprimento, a cristã, a partir do cumprimento que crê alcançado em Cristo, ilumina aquilo que está dolorosamente não-cumprido no homem e no mundo. Tudo ainda não está consumado, portanto, mesmo para um cristão. E o judaísmo é mais do que fundamental para o porvir de uma humanidade que, à força de se acreditar salva, pode correr o risco de não ter mais nada a esperar. A tradição de Israel, que também é nossa, relembra aos conformistas de todas as espécies que tudo não está bem e resolvido. E a interlocução



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



entre judeus e cristãos não pode fundar-se somente sobre sua comum pertença à humanidade, ao mundo moderno, ao Ocidente. Mas sobre algo muito maior: a Alteridade Transcendente que rompe o silêncio e se revela como Palavra Viva e se deixa esperar não só como Aquele que se fez presente e deu novo sentido à história, nem apenas como Aquele que se faz contemporâneo e dá à contemplação e à experiência mística condições de possibilidade reais. Mas também como Aquele que vem e que virá e que surpreenderá com sua vinda mesmo àqueles e àquelas que têm d'Ele as experiências mais íntimas e consoladoras. No diálogo e no desejo de interlocução e encontro entre as religiões, experimenta-se o dilaceramento entre o amor e a verdade. Entre o desejo inaudito de ir ao encontro do outro e com ele aprender coisas que só o Espírito de Deus no outro pode ensinar. Mas fazê-lo sem perder a identidade da própria experiência e a fidelidade a ela. Ainda que - felizmente - para isto devemos abrir-nos sempre mais uns aos outros para aprender uns dos outros como esperar este futuro que somos chamados a construir, mas que por outra parte nos é e será graciosamente dado

- o caminho da convivência e da comunhão com todos os outros seres vivos: A interpretação do mandato genesíaco na direção de uma primazia absoluta e ilimitada do homem sobre a natureza teve, porém outras consequências, como a suspeita de uma concepção erroneamente individualista do ser humano, aliada a um determinismo econômico e tecnológico onipotente e prepotente. E acima de tudo conduziu a uma visão da natureza, da terra, do cosmos separados do humano, cindindo assim a Criação de Deus. A humanidade passou a ver a natureza como um inimigo a ser conquistado e destruído impunemente em nome de um progresso e enriquecimento vorazes e ilícitos. A luta do ser humano pela vida foi então transformada em ameaçador e agressivo instinto de morte que pesa sobre todas as outras formas de vida.

Na verdade, a revelação de Deus nas Escrituras o apresenta como criador e ardente amante da vida. O relato da criação demonstra um carinho e cuidado desvelados do Criador para com a terra. Além de iluminá-la com os luzeiros do firmamento, Ele a povoa de vida, em imensa diversidade de formas e espécies.

A imagem que sobressai da terra na história do Gênesis é a de sede e mãe da vida. Seu grande corpo é hospedeiro e gerador da vida. De seu útero brotam todos os seres vivos, incluindo os humanos, sendo todos feitos de sua substância. Feitos da terra, feitos de terra, animados pelo espírito de Deus, isso somos. Somos terra. No princípio, entre nós e a terra, existe uma relação sem distância, sem vis-à-vis, sem separação. Somos um com ela. Viver é necessariamente conviver: o ser humano não reina no universo à parte dos outros seres vivos. Mas é criado a partir da pluralidade e convidado à convivência. É essa convivência diz respeito não apenas a seus semelhantes em humanidade, mas a todos os seres vivos. Tudo está interligado, tudo e todos são interdependentes. Não há vida possível no isolamento de si mesmo ou do outro. A vida, para existir, necessita ser um com- viver, uma com- vivência. Assim nos repete a Laudato Si, encíclica de 2015 do Papa Francisco que chama a terra de "nossa casa comum."

A atitude cristã fundamental que daí emerge é o cuidado e não a conquista: O ser humano não está na criação para dominar a terra e conquistá-la. Nem para buscar seu próprio proveito em detrimento das outras formas de vida que nela existem. Está aí como responsável pela vida. E, portanto, sua atitude deve ser de cuidado, proteção, cultivo e desenvolvimento da vida sob todas as suas formas e configurações. Toda vida importa, toda vida deve ser cuidada, mesmo a mais frágil e insignificante.

Cuidar da terra é inseparavelmente construir a justiça: O esforço para restaurar relações harmoniosas entre a humanidade e o cosmos requer a superação de certos conceitos deterministas, individualistas e econômicos. Chama-nos a recuperar uma noção de vida tão presente nas culturas dos povos



TORINO 2024
13° raduno
internazionale

originários, que veem o cosmos como uma epifania, cheia de significado, uma manifestação de mistério. Uma instância que exige reverência e respeito. A contemplação do mistério do cosmos não deve, porém ser vista como uma preocupação ascética ou estética nascida apenas do ócio, mas como a expressão de uma preocupação ética primordial: o cosmos deve ser devolvido aos homens e mulheres que foram despojados do que era seu e do que lhes pertencia nesse cosmos. Esta restituição acompanha a luta para dar pão aos famintos, abrigo aos sem-abrigo, água aos sedentos. Tudo isto é um gesto salvífico, é devolver o cosmos a todos aqueles que dele foram expropriados".

Conclusão: ouvir a Palavra ao longo do Caminho

A Igreja está em sínodo, ou seja, fazendo um caminho de ampla escuta e integração de todos os segmentos e setores da comunidade eclesial. Essa escuta integra igualmente a sociedade plural e multicultural que hoje é a nossa, em um momento em que não vivemos uma época de mudanças, mas sim uma mudança de época, como já disse o Papa Francisco.

Para viver fielmente sua identidade e missão, a comunidade eclesial é chamada a uma escuta profunda da Palavra de Deus que vem das fontes da Revelação: a Escritura e o Magistério da Igreja ao longo da história. Mas também se encontra interpelada pela escuta dos outros pelos novos caminhos que o Espírito descortina aos nossos olhos nesse momento de mudança de época.

A Palavra que tirou Abraão de todas as suas seguranças e o lançou em direção ao novo desconhecido é a mesma que somos chamados hoje a ouvir, fiéis a nossa vocação de ser ouvintes. Como ouvintes somos também peregrinos e caminheiros, ouvindo enquanto nos movemos em direção ao que o Senhor nos indica e que nós apenas desejamos sem saber ao certo como nomear. Ao nosso lado, à frente e atrás de nós vão os irmãos e irmãs, caminheiros outros, de outra procedência, de outra língua, de outra religião de outro gênero. E os pobres, os infelizes, os desamparados, os desprotegidos, os vulneráveis de toda sorte pelos quais somos responsáveis, pelos quais respondemos, escutando seu grito e sua voz que deseja viver plenamente.

Essa palavra múltipla de diversas vozes converge na Palavra divina e única que desde a fonte da vida se dirige a nós e nos fala, interpela, convida e envia. Vamos no seu encalço como pessoas, seres relacionais abertos à alteridade. Mas não vamos sozinhos. Vamos juntos, homens e mulheres, crianças, idosos, famílias inteiras, microcosmos da grande família humana que hoje como sempre é convidada a ser imagem da grande comunidade trinitária - Pai, Filho e Espírito Santo - comunhão originária e originante que nos cria, redime e santifica a cada passo e a cada suspiro.

